

CIÊNCIA, DISCURSO E IDEOLOGIA

Um caso particular, na mídia, de controle social pela linguagem

Wedencley Alves SANTANA (UNICAMP)¹

0. Introdução

Estamos num teatro diferente. A peça se chama "O espetáculo da objetividade". Abrem-se as cortinas:

Cena 1: Um usuário, possivelmente um atento homem comum da classe média, acorda cedo e sem perder muito tempo vai à internet para saber as últimas notícias envolvendo o presidente Lula. "Acessa" www.news.google.com e... pronto: o computador indica uns 700 arquivos encontrados, distribuídos por manchetes, que por sua vez apontam para até três veículos de imprensa. Através desse mecanismo, pode se saber tudo o que foi publicado no mundo sobre o dito presidente naquele dia. Peculiaridade: como diz o próprio Google, "nenhum humano foi ferido ou usado neste processo." Trata-se da mais nova invenção da tecnologia de rede: o editor sem extensão, sem vontade e "sem posições políticas": o editor logarítmico que além disso não cobra salários.

Cena 2: L. é a inicial do nome de um jornalista na vida real. Ele trabalhou por muito tempo nas editoriais de economia, de jornais cariocas e sítios de uma grande revista nacional na sua versão de Economia. Recentemente, prestava sua colaboração para o um grande portal, e, quase demitido, aceita uma vaga como sintetizador de notícias, já bastante sintetizadas da internet, desta vez para celulares. Durante o dia, o nosso apressado usuário, o mesmo atento-homem-comum-da-classemédia pede notícias de economia, e lá estará o jornalista trabalhando para transformar matérias de 10 linhas da Rede - já uma síntese de uma matéria de 30 linhas de jornais ou agências - para duas linhas que aparecerão no visor do celular. Algo como: "Presidente do BC, Fulano de Tal, recebe prêmio de homem do ano por agência X". As notícias são produzidas em XHTML, uma linguagem lógica.

¹ Agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Cena 3: À noite, o nosso sempre apressado personagem chega a sua casa, e finalmente poderá se demorar à frente do aparelho de TV. Localiza a Bloomberg, que lhe apresenta uma tela particular: ela é sempre preenchida por seis frames. No alto à direita o nome Bloomberg, a data e a hora. Mais abaixo, os índices das bolsas e cotação de moedas; ainda abaixo, outro frame, onde se destacam gráficos sobre bolsas de mercadorias e mercados futuros no mundo. O duplo rodapé mostra, acima, a alta e queda das ações de empresas. No rodapé, abaixo, as notícias maximamente "claras, concisas e objetivas". No alto à esquerda, o frame maior mostra o vídeo com comentários e entrevistas. É o espaço interpretativo, mas já absolvida pela "objetividade" da imagem.

Estas são cenas de um cotidiano. O nosso real cotidiano. Cenas envolvendo notícia e tecnologia. Nos três casos representados acima, o nosso personagem também terá acesso a minitextos interpretativos - que só vão reafirmar a verdade dos bits.

Mas o que isso teria a ver com o tema geral: ciência, discurso e ideologia? Se pensarmos que ciência e tecnologia não são separáveis; se considerarmos que tratar de discurso é tratar das formas sociais de realização da linguagem; e se ainda, sem muito esforço, percebermos que somente por descuido poderíamos separar mídia e relações de poder, e isto aponta para a questão ideológica, estaremos tratando plenamente do tema geral escolhido. Mas, e o controle? Isso é o que veremos.

2 - Notícia e controle social

A palavra "notícia" vem do latim *notitia*, que tanto pode ser compreendido como informação sobre um fato qualquer como notificação ou comunicado. As primeiras notícias remetem às Atas Diurnas ou crônicas do Senado romano, em 59 AC. E na era moderna aos murais e gazetas das ruas européias, há três séculos.

Muniz Sodré localiza a "arrancada mercantil" da notícia no momento de legitimação jurídica e política da esfera pública, possibilitando a transformação dela em produto industrial.

"Por detrás da imprensa enquanto indústria/comércio, encontra-se a idéia moderna de espaço nacional, que favorece o estabelecimento de um certo tipo de continuidade dos acontecimentos isolados ou singulares, com vistas a

reforçar o sentido de uma comunidade homogênea, mas aberto ao mesmo tempo à heterogeneidade dos acontecimentos (mudança e progresso) cotidianos. Na cotidianidade figurada como processo permanente de mudanças, o povo (a totalidade nacional) parece fazer uma espécie de História coletiva²."

Segundo o autor, a notícia vai assumindo aos poucos o que era papel que outrora fora da arte romanesca - o documentário, a descrição realista, a reportagem, a crônica de costumes - que passa a se debruçar sobre aspectos "mais poéticos" na vida cotidiana. Parece que a narratividade muda de mãos.

Sodré enfatiza o papel da notícia como controle social: como qualquer história, a notícia produz a unidade dos microaspectos que compõem um fato ou acontecimento, administrando sua multiplicidade, assim como suas repercussões sociais.

"Pela conexão dos detalhes e das prováveis conseqüências do evento, a notícia gera um tipo de unidade narrativa que, segundo se presume, tranqüiliza a consciência do indivíduo inseguro em face da dispersão humano na grande cidade, da vicissitude dos acontecimentos, da condição precária da identidade no espaço urbano, do desconhecimento das causas, da incidência trágica do acaso³."

Daí que se contesta, continua Muniz, atribuir à imprensa a fragmentação dos acontecimentos, ou o poder de "misturar coisas, desorganizar qualquer estrutural racional da realidade". Embora a notícia "não corresponda à inteira realidade fenomênica de um fato", ela atende à retórica organizadora da singularidade factual do cotidiano.

O que nos aproxima desse argumento é a compreensão de que a notícia converte-se numa tecnologia "produtora de real", mas o que nos afasta dele é o fato de que a unicização de um certo real pulverizado - descontínuo - é resultado de um trabalho coletivo de todo o discurso midiático, possivelmente de quase todo o discurso, seja cotidiano ou especializado. Está na notícia, mas também está na publicidade, e por que não nas narrativas da História ou outros mecanismos de geração de sentido. Este atributo portanto não diferencia a notícia, embora também se deva a ela. Nem mesmo a sua organização retórica dos acontecimentos⁴ seria a causa desse poder de "dar certa homogeneidade ao real". Mas dentro de uma determinada realização - haverá outras

² SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos, p. 132.

³ Idem, p. 133.

⁴ O autor remete à técnica do lead, em que se responde às seis perguntas básicas para a construção de qualquer narrativa, conforme a tradição que vem dos trabalhos retóricos de Quintiliano, na Idade Média: *quem faz o que, onde e quando, de que modo e por quê.*)

evidentemente - da notícia, que chamaremos "objetivista", o que vemos é uma pretensão da notícia diferente de qualquer outro no mundo midiático: uma pretensão lógica e não retórica de organização do sentido. Esta aí a sua diferença. Pretensão essa que nos leva, a partir da observação de um conjunto de operações lingüístico-textuais, a perceber os fins do discurso jornalístico objetivista: sua constituição discursiva numa relação dialógica constante com, e principalmente, a tecnocracia e as formas discursivas positivistas da ciência⁵.

Quando falo em pretensão lógica, nos remetemos à diferenciação clássica ou aristotélica entre a analítica ("que parte de princípios verdadeiros e que gera a certeza") e a argumentação dialética ("que parte de princípios prováveis ou opiniões"). O que no século XX, no âmbito da lógica, assumiu a oposição entre argumentos formais e argumentos informais - desprovido, portanto de precisão - e em campos vastos das teorias da linguagem entre argumentação e informação. Ora, crê-se realmente nas redações de jornais de referência que argumentativo é o editorial, o artigo e às vezes a reportagem - principalmente as interpretativas, ou mais especificamente as investigativas. Para a notícia estará reservada a "informação pura", curiosamente desprovida de elementos argumentativos evidentes. Quando se discute a interpretação na notícia, discute-se a adição de elementos interpretativos, como se pudesse haver um momento anterior não interpretado.

Apesar disso, quando se fala em pretensão lógica, sabe-se que o discurso da objetividade não coincide, obviamente, com qualquer formulação parecida com o positivismo lógico europeu - a procura da forma lógica, em Frege, Russell, Whitehead e o primeiro Wittgenstein. Concebida nos Estados Unidos, pode-se pensar para a notícia objetivista algo como uma aplicação lógica da linguagem, de caráter empírico, ou mais precisamente de caráter tecnológico. Este caráter ficará mais evidente se a notícia for associada ao seu par constante neste século: a informação, como algo mensurável. Os estudos sobre a notícia tendem a ignorar seus efeitos discursivos, quando em nome de uma crítica ideológica ao mercado, ou discussões éticas do que "deveria ser" ou "não deveria ser" o produto noticioso, ou ainda uma estranha busca "de essências" do

⁵ Ao afirmar que essa "pretensão" é exclusiva da notícia, distancio-me da consideração de NEIVA, Eduardo, que estende a toda mídia esse discurso; o que o leva a afirmar que nos estudos da comunicação, o objeto é, por natureza lógico-modal (porque sugere mundos possíveis como se fossem necessários). Neiva propõe, então, que sejam mobilizados os instrumentos conceituais da semântica lógica modal. Apesar da diferença de extensão teórica dessa afirmação e de instrumentos teóricos, não podemos negar que esta tese foi fundamental para a elaboração do meu pensamento sobre a questão. Ver Comunicação, teoria e prática social, pp. 212213. Outra observação é que a fundamentação dessa hipótese foi mais fartamente desenvolvida em nossa dissertação de mestrado. Ver bibliografia.

jornalismo, esquecem-se da sua formação dentro de um universo interdiscursivo, em que proliferam as teorias da informação, teorias matemáticas da comunicação, e mesmo a teoria das mensagens, a cibernética de Wiener.

Nesses casos, a preocupação comum é a perda de controle sobre a comunicação (através do que se denominou o ruído), a perda de produtividade da informação⁶ (o problema da redundância) e da mensagem (ou a entropia). Não é necessário muito esforço para concatenar a estes "defeitos" na transmissão de linguagem, preocupações com a clareza a concisão e a precisão - termos que devem ser repensados neste universo interdiscursivo⁷

Num primeiro momento pode parecer abusiva essa aproximação, até por questões cronológicas. E realmente se partirmos de uma abordagem histórica comum, linear e progressiva, não haveria sentido pensar no discurso da objetividade como sucedâneo de teorias que se fixam principalmente a partir de meados do século ou no pós-guerra. Isto é, uma ligação causal estaria invertida. Mas não se procuram causas. Não é a emergência destas teorias que levam à ideologia da objetividade. Parecem, no entanto, sintomas de um mesmo interdiscurso, com filiações muito próximas. A obra de Norbert Wiener é emblemática neste sentido. Ele empreende a cibernética (do grego *Kubernetes* = piloto, e também do que se derivaria governo), sua teoria das mensagens, como resposta a uma idéia de um Universo contingente.

É a partir dos abalos sofridos pelo edifício bem estruturado e aparentemente inviolável de Newton, com o aparecimento de trabalhos desafiadores da Física no começo do século XX, que ele se vê as voltas com o "problema da entropia" - ou desorganização do sistema. Heisenberg, Einstein e, para ele, principalmente, Boltzmann e Gibbs, são responsáveis por uma revolução e a cibernética é somente a resposta a esse novo contexto.

"Conforme aumenta a entropia, o universo, e todos os sistemas fechados do universo, tendem naturalmente a se deteriorar e a perder a nitidez, a passar de um estado de mínima a outro de máximo probabilidade; de um estado de

⁶Na teoria da informação, o ato de comunicação consiste, para o emissor, em tirar de seu repertório um número N de signos pertencentes aos n tipos e a juntá-los numa sequência chamada mensagem. A recepção é a identificação destes mesmos signos com os que o receptor possui em seu próprio repertório. Ela permitirá ao receptor prolongar numa experiência vicária atos ou percepções do emissor. O que então é transmitido do emissor ao receptor por intermédio de um canal físico é uma reunião de signos cujo caráter essencial é modificar de alguma maneira o comportamento visível ou futuro do receptor. A importância do ato de comunicação será apreciada pela amplitude desta modificação, mas pode-se dar uma base estatística objetiva ligada à própria mensagem. A medida desta não está ligada aos próprios signos, pois eles já são conhecidos a priori, mas muito mais a originalidade da reunião desses signos, grandeza que se chamará informação H e que será medida pelo logaritmo - binário - da improbabilidade do conjunto particular de signos realizados $H = \log_2(\text{imp.})$. Ver Moles, A. 0 Cartaz, pp. 70-72.

⁷ Entendo aqui como "universo interdiscursivo" o mesmo que "universo discursivo", conforme conceituado em MAINGUENEAU: "o conjunto de formações discursivas que interagem numa conjuntura"; op. cit. p.116.

organização e diferenciação, em que existem formas e distinções a um estado de caos e mesmice. No universo de Gibbs, a ordem é o menos provável e o caos o mais provável. Todavia, enquanto o universo como um todo, se de fato existe um universo íntegro, tende a deteriorar-se, existem enclaves locais cuja direção parece ser oposto a do universo em geral e nos quais há uma tendência limitada e temporária ao incremento da organização. A vida encontra seu habitat em alguns desse enclaves. Foi com esse ponto de vista em seu âmago que a nova ciência da Cibernética principiou a desenvolver-se." ⁸

A cibernética, portanto é uma teoria da mensagem em que se leva em conta principalmente a tese de que os sistemas tendem a perder informação, da mesma forma que o condutor qualquer pode dissipar energia. Numa obra sintomaticamente intitulada O uso humano dos seres humanos, a tese é de que "a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha"; e de que,

"no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante".⁹

Não é preciso insistir quanto à ingenuidade de se atribuir a este texto, de 1950, a autoria de um "visionário" da nossa época computacional, afinal essas palavras apenas corporificam um discurso em que "quando se dá uma ordem a uma máquina a situação não difere essencialmente da que surge quando dou uma ordem a uma pessoa.⁹". Para isso é necessário, ainda concernente a este discurso, que se construa uma ciência que desenvolva "uma linguagem e técnicas que nos capacitem, de fato, a haver-nos com o problema do controle e da comunicação em geral". Portanto, as preocupações das teorias (matemáticas) da Comunicação, da Informação, tanto quanto da Cibernética se enquadram num momento histórico-discursivo que aponta para uma necessidade de controle da linguagem, através de uma ação tecnológica que funcione contra (1) os perigos da contingência e (2) em favor da eficácia operacional.

É sabido que a linguagem atravessou o pensamento moderno suscitando dúvidas em relação à sua eficiência como instrumento do saber. São daí as teses da Característica Universalis de Leibnitz (uma linguagem idealizada, mas não formulada,

⁸ Wiener, Cibernética e Sociedade p. 14

⁹ Wiener, op. cit. 16..

que serviria como um sistema de caracteres próprios para o conhecimento universal), no século XVIII, ou mais tarde, no final do século XIX, a necessidade de uma "conceitografia" preconizada por Frege, fato capital para a subsequente formalização da lógica. Mas de certa forma os dois autores, ainda que distantes no tempo, pareciam viver sob a égide da Razão, com âncora do conhecimento. A chamada crise da Razão é própria de um mundo posterior a Shoppenhauer, Nietzsche, Freud e mesmo Einstein e Heizenberg, autores que tão bem sintomatizaram o descrédito nos sistemas anteriores do pensamento. Mas também é própria a um mundo em que a ciência se devota a funções tecnocráticas e de dominação militar e econômica.

Só assim que é que tem sentido a preocupação com uma "objetividade" no jornalismo, que não coincide mais com o termo que funcionou com um dos pilares da ciência moderna, como idealizada pelos iluministas, mas como aquele retomado em um outro discurso - o termo "objetividade" muda de formação discursiva e passa a ser ressignificado dentro de uma preocupação neopositivista da contemporaneidade.

É evidente que isso não é, nem poderia ser, um movimento específico dentro do jornalismo. As próprias ciências sociais e humanas, mesmo com todo seu campo de possibilidade críticoepistemológica, vivem desde o século XX, principalmente nos Estados Unidos, algo parecido. É o que se encontra na avaliação de Japiassu, para quem tanto a sociologia nos EUA, tanto quanto a psicologia, engajaram-se nos caminhos de estudos empíricos estreitamente limitados, com o objetivo claro de responder às necessidades da sociedade americana. São estudos fragmentários sobre a vida social, sem qualquer ligação com preocupações teóricas mais amplas, de preferência traduzidos - segundo critérios duvidosos - em técnicas estatísticas para posterior avaliação de administradores. Neles, os critérios e apreciação científica são tomados de empréstimos a uma imagem pública das ciências da natureza. "Numa palavra, ela (a sociologia americana) se converte numa praxeologia, quer dizer, em uma estratégia de ação¹⁰". Praxeologia, é como Japiassu denomina o direcionamento das ciências humanas e sociais para a prática ou o aumento da eficácia humana, geralmente com fins econômicos. Fenômeno concomitante com o ingresso dessas ciências "na era da positividade¹¹".

¹⁰ JAPIASSU, H. *O mito da neutralidade científica*, p. 65.

¹¹ Idem, p. 53.

Voltando a nosso objeto, pode-se confirmar o nosso argumento com Schudson que, em estudos sobre história da imprensa americana, também associa a emergência da discussão sobre o tema da objetividade no jornalismo com os argumentos propostos aqui.

"Por volta da década de 1920, os jornalistas não mais acreditavam em que os fatos pudessem ser entendidos por si mesmos; eles não mais continuavam a sustentar a auto-suficiência da informação; eles não mais compartilhavam da vaidade na neutralidade que tinha caracteriza a classe média educada da era Progressista. No século vinte, o ceticismo e a desconfiança, ensinados por pensadores do final do século dezenove, como Nietzsche, tornaram-se parte da educação geral. As pessoas passaram a ver até a constatação de fatos como fruto de interesse pessoal e até a memória e os sonhos como seletiva, a própria racionalidade como uma máscara para o interesse ou a vontade ou o preconceito, tudo isso influenciou o jornalismo nas décadas de 1920 e 1930 e deu origem ao ideal de objetividade como o conhecemos^{12.}"

3. Discurso neopositivista ou "Por uma terapia da linguagem"

Seria abusiva qualquer aproximação entre o positivismo lógico ou o atomismo lógico europeu e a "objetividade" conforme foi ser adotada no jornalismo americano nos 30. Mas palpável será a referência às concepções que marcam o pensamento sobre a linguagem no primeiro terço do século XX americano. Por esse momento, as preocupações puramente sintáticas dos logicistas começavam a ser substituídas por uma discussão semântica, principalmente no que ficou conhecido como Círculo de Viena.

Bogomolov afirma que o neopositivismo "emigrou" para os EUA, justamente sob a forma de uma análise semântica, ou análise da significação. Se a lógica matemática, que o positivismo lógico queria transformar em "órgão" da filosofia, teve como um de seus méritos a capacidade de abstrair-se do significado dos símbolos que empregava, transformando-se em cálculo, para o método filosófico, que aponta para problemas de interpretação e sentido, ela se mostrou insuficiente. É nesse vácuo que o verificacionismo é proposto pelo Círculo de Viena, cujo movimento intelectual passa a ser empirismo lógico. Os pesquisadores de Viena migram para os Estados Unidos durante os anos 30, e constituem o que se convencionou chamar neopositivismo, uma

¹² SCHUDSON, M, op. Cit.

das influências diretas num produto que alcançou grande repercussão: a Semântica Geral¹³.

Antes porém a preocupação com o significado já resultara no livro "The meaning of meaning" (1923), que se tornara uma das fontes da teoria empírica do significado. No fundo, explica o autor russo, esse trabalho veio a exercer enorme influência sobre o desenvolvimento da semântica nos países da língua inglesa. Na sua teoria do simbolismo lingüístico, Ogden e Richards defendem que: 1) a língua é um sistema de signos capaz de obter resultados práticos e, antes de tudo, de permitir a distinção do que pode ser enunciado com conhecimento de causa e do que não pode; 2) a língua possui dois grupos de funções: as simbólicas e as emotivas; sua discriminação permite evitar as confusas discussões filosóficas; e 3) essas dificuldades e equívocos podem ser evitados mediante a elucidação do fato de as pessoas definirem coisas diferentes com uma só palavra, definido coisas idênticas com palavras diferentes ou geralmente usando palavras que nada significam.

"Assim, Ogden e Richards apresentam em verdade um programa positivista, que redundava na tentativa de solução dos problemas filosóficos como problemas puramente lingüísticos¹⁴."

A distinção entre linguagens simbólica (descritiva) e emotiva tiveram ampla repercussão nos estudos semânticos. Na linguagem simbólica, formulamos juízos que significam referentes. Na emotiva, expressamos emoções. "Se dizemos: 'A altura da torre Eiffel é de 900 pés', estamos afirmando que usamos os símbolos para transmitir ou comunicar alguma referencia, que o nosso símbolo é verdadeiro ou falso no sentido rigoroso e que teoricamente nós o verificamos. Mas se dissermos 'Hurra!', 'A poesia é o espírito' ou 'o Homem é um verme', não estaremos fazendo afirmações nem mesmo falsas; estaremos antes empregando palavras para motivar certas relações¹⁵".

Essa afirmação referia-se antes de tudo aos enunciados éticos e estéticos, que foram proclamados como possuidores de significado apenas "emotivo". No neopositivismo incluíram-se entre os emotivos, também os "enunciados metafísicos", que, segundo Camap, têm função "apenas expressiva", não tendo conteúdo descritivo (teórico). Porém, diferentemente das obras de arte, a "metafísica" pretende um conteúdo

¹³ Apud Gogomolov, op. cit., p. 184. *A filosofia americana no séc. XX. P. 181.*

¹⁴ Idem, p. 182.

¹⁵ Apud Bogomolov, op.cit., p.184.

teórico e "cria a ilusão de conhecimento sem nos propiciar em realidade qualquer conhecimento"¹⁶”.

As concepções de Ogden e Richards acabaram tendo prosseguimento em teses que viriam a constituir a chamada Semântica Geral, que alcançou grande repercussão nos anos 30, mas que por problemas teóricos não resolvidos acabaram se reduzindo a um "palavreado de jornalismo", segundo a avaliação resignada de um de seus maiores nomes, Anatol Rapaport¹⁷”.

Para o engenheiro polonês naturalizado americano, Alfred Korzybski, a semântica geral "explica e ensina como usar mais eficientemente o nosso sistema nervoso", mas para isso recorre-se a uma "análise crítica da linguagem, isto é, dos significados das palavras empregadas na comunicação cotidiana e que influenciam o comportamento humano". Em outras palavras, através de um emprego mais preciso das palavras, e dos seus significados, chegar-se-ia à "justeza do pensamento", e conseqüentemente (para eles) à "solução de doenças psíquicas" e consecução de uma "higiene mental"¹⁸.

Na linha do pensamento anti-metafísico de Ogden e Richards, os semanticistas gerais chegam a uma teoria crítica da abstração: as palavras não são idênticas às coisas, logo não possuímos conhecimento da realidade com tal. A palavra não expressa o 'todo' e quanto maior a abstração tanto menos falamos dos objetos. Portanto, devemos evitar abstrações: elas são palavras vazias. A abstração é a "palavra sobre palavras" e não sobre a realidade, daí todo debate sobre as abstrações ser uma discussão verbal. Para evitar essas discussões é preciso "procurar o referente", ou seja, aquele "objeto da experiência" pelo qual começamos a subir a "escala das abstrações"¹⁹.

A semântica geral adota em realidade o princípio da verificação sensorial do neopositivismo lógico, reconhecendo como carentes de sentido todos os termos e enunciados que não tenham equivalente sensorial imediato. O que acabaria, como acabou para os neopositivistas, gerando aporias teóricas, mas que não foram aprofundadas pelos semanticistas. Não foram aprofundadas e nem seriam. Bogomolov explica esse desprezo por dificuldades teóricas à verdadeira função da Semântica Geral,

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ Idem, p. 199.

¹⁸ Idem, p. 188.

¹⁹ Idem, p. 191.

que não era epistêmica, mas prática, primordialmente social. Em última instância esse pensamento se reintegra à tradição pragmática e utilitarista americana.

"Na década de trinta os filósofos, lingüistas, psicólogos sociais e homens políticos começam pela primeira vez a refletir seriamente sobre o papel e a importância da propaganda na sociedade, sobre os meios de manipulação da consciência das massas. No pensamento continental da Europa essa problemática geral, ainda nos anos vinte, a sociologia do conhecimento (Max Scheller, Karl Mannheim); na Inglaterra e nos Estados Unidos, concomitante com a sociologia do conhecimento difundida na década de trinta, ela é estudada pelos semanticistas gerais e pelos representantes da filosofia lingüística inglesa"²⁰

Quanto à semântica geral, seus representantes assumiram duas orientações em seus trabalhos. Uma delas foi constituída pelo estudo da influência da linguagem sobre a justeza do pensamento, o comportamento e a formação da cultura na sociedade moderna, o estudo da patologia da linguagem e do comportamento por ela gerado, da eficiência de diversas formas lingüísticas, etc. A outra mostrava preocupações políticas: assim, Stuart Chase emprega os princípios da semântica geral com o fim de mostrar que em política as pessoas entram frequentemente em conflitos devido ao uso errôneo de palavras e às dificuldades na interpretação, suscitadas por esse uso das palavras²¹.

É curiosa a relação de palavras relacionadas por Chase como vazias de sentido: "pátria", "nação", "lei", "progresso", "comunismo", "fascismo", "liberdade", "trabalho", "capital", etc, que fazem com que as pessoas lutem "como se essas coisas fossem reais". Esse "recalque", no entanto, mostra-nos o quanto há de proposição ideológica há em Chase.

A Semântica Geral e a teoria do significado levam a uma distinção entre referentes e operações, de um lado (ou fatos e processos), e apreciações humanas (ou valor e juízo), do outro, tomadas como carentes de sentido. Décadas depois, o próprio Korzybsky já fazia a sua autocrítica desse "abuso".

Partindo dessa autocrítica, Korzybski chega à conclusão de que as "teorias das significações", baseadas em "referentes e operações" são absolutamente inadequadas à complexidade e a "sutileza das relações entre os homens". Além disso, "exercem influência nefasta sobre o sistema nervoso das pessoas". Mas essa autocrítica

²⁰ Idem, p. 192.

²¹ Idem, pp. 193.

só seria formulada nos anos 40. Percebe-se que há toda um ambiente discursivo nos anos 20, 30 e 40 para a realização do que chamamos de disciplina ou terapia da linguagem.

Considerações finais

É nesse ambiente de reação positiva à contingência (percebe-se o temor da desordem tanto nos semanticistas, pela abstração ou emoção, quanto na cibernética, pela entropia), que nasce a notícia contemporânea, dentro da formação objetivista. Em última instância, não há cortes relevantes entre a informatização do jornalismo, cujo ápice vive-se agora com o infojornalismo, e a ideologia da objetividade. De certa forma, o objetivismo prepara o terreno.

O que vivemos é uma explosão de informação quantificada. Nosso personagem focalizado em três cenas lá em cima - recebe um bombardeio de informações só aparentemente fragmentárias: elas na verdade são repetidas à exaustão²². Mas o nosso personagem também está sob o bombardeio de mensagens eletrônicas da empresa de telefonia, da operadora de cartão de crédito, da sua matrícula na universidade, tudo em nome da operacionalidade, da modernidade, da "cara de primeiro mundo" que qualquer um desses ambientes ou tratamentos gelados se nos apresenta. Tudo isto gera uma rede lógica de informações que nos captura em realidades irrefutáveis²³.

O caso aqui pensado sobre o campo jornalístico é um sintoma da própria realização social da linguagem. Uma realização social que visa em aspectos capitais da vida cotidiana a discipliná-la, matematizá-la, codificá-las em caracteres digitais. Sem entoar um discurso apocalíptico vulgar, a linguagem - em alguns pontos-chave de nossas vidas - passa por um processo de esfriamento. Afinal, cada vez mais lidamos com as mensagens sintéticas dos caixas eletrônicas, sem qualquer possibilidade de personalização (os atendimentos personalizados são feitos com gerentes submetidos à consulta em máquinas, dos atendimentos também eletrônicos via-fone, da obrigação de recebimento de respostas via e-mail, da impossibilidade de negociar, justificar-se, dobrar o oponente por uma argumentação, seja sólida ou sedutora). Essas

²² Um canal de notícias all news repete tudo a cada 20 minutos em média.

²³ Penso aqui em última instância no conceito de Pêcheux de "Discursos logicamente estáveis". Ver bibliografia.



possibilidades, diríamos, primitivas, cabem somente aos que podem - e aí a conversinha de pé de ouvido, junto ao cafezinho vai parar na mesa do bom (\$) correntista.

Não é a toa que especialistas teimam em ver no todo poderoso mercado um campo de uma espécie de Natureza matemática - indicadores, curvas estatísticas, cotações etc. O fetiche da mercadoria se encontra com o fetiche neo-galilaico da experimentação - tornada pragmatismo, com seus lemas em versões midiáticas: "as coisas são o que são" e "não diga, mostre" - e da matematização da vida. Neste momento, ciência (pelo menos a sua face positivista, o que se considera ciência de per si) e capitalismo, duas senhoras distintas que por algumas vezes andaram às birras, deram-se às mãos. Geraram uma aliança ideológica - uma aliança discursiva - que pode ser intitulada a Ditadura da Racionalidade. Embora, só para os mortais.

Referências Bibliográficas

BOGOMOLOV, AS. (1979) *A filosofia Americana no Século XX*. Trad. Paulo Bezerra. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (1988) *Introdução à Análise do Discurso* Ed. da Unicamp, Campinas.

DIZARD, Wilson P. (1998). *A Nova Mídia*. Trad. Edmond Jorge. Jorge Zahar Ed. RJ.

HACKETT, Robert A. (1993) "Declínio de um Paradigma: A Parcialidade e a Objectividade nos Estudos dos Media Noticiosos" In: TRAQUINA, N. (org.)

Jornalismo: Questões, teorias e "Estórias" Col. Comunicação & Linguagens. Ed. Vegas. Lisboa

JAPIASSU, H. (1975) *O mito da neutralidade científica*. [mago. RJ.

LAGE, N. (1987) *Estrutura da Notícia*. Série Princípios. Ed. Ática. 1987

MAINGUENEAU, D (1989) *Novas tendências em Análise do discurso*. Pontes. Campinas.

MEDINA, Cremilda. (1988) *Notícia. Um Produto à Venda. Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*. Summus Editorial. SP.

MOLES. Abraham. (1969) *O Cartaz*. Série Debates. Ed. Perspectiva.

NEIVA, Eduardo, Jr. (1991) *Comunicação, Teoria e Prática*. Ed. Brasiliense. SP.



ORLANDI, Eni. P. (1999) *Análise de Discursos: Princípios e procedimentos*. Pontes. Campinas

PECHÊUX, M. (1997) *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Pontes. SP.

SCHUDSON, M. (1978). *Discovering the News: a Social History of American Newspapers*. New York: Basic Books

SODRÉ, M. (1996) *Reinventando a Cultura: A Comunicação e seus Produtos*. Ed. Vozes. Petrópolis.

SANTANA, Wedencley. A (2001) *O discurso da notícia: O Objetivismo jornalístico e seus efeitos*. IACS-UFF, Niterói. 2001

TUCHMAN, G. (1993) "*Objectividade como Ritual Estratégico: Uma análise das Noções de Objectividade dos Jornalistas*" In: TRAQUINA, N. (org.) *Jornalismo: Questões, teorias e "Estórias"* Col. Comunicação & Linguagens. Ed. Vegas. Lisboa

WIENER, Norbert. (1954) *Cibernética: O uso humano dos seres humanos*. Ed. Cultrix-SP.